

Frédéric Manns

Contando a Bíblia

*Olhares sobre rostos, tradições e acontecimentos
das Escrituras*

Prefácio de PIERBATTISTA PIZZABALLA

Introdução de FRANCESCO PATTON



EDITORIAL AO

Título original

Raccontando la Bibbia

Sguardi su volti, tradizioni e vicende delle Scritture

© 2022 – Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana

00120 Città del Vaticano

ISBN 978-88-266-0786-3

www.libreriaeditricevaticana.va

Tradução

Odete Alves

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

567511/26

ISBN

978-972-39-1051-3

Agosto de 2026

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@rmop.pt

Prefácio

O Padre Frédéric Manns dedicou toda a sua vida ao serviço da Palavra de Deus, que amou apaixonadamente, contagiando muitas gerações de estudantes, peregrinos, sacerdotes, bispos e tantas pessoas que chegavam aqui com o desejo de a compreender melhor. Soube ligar a Palavra à Terra e aos Lugares Santos – definidos como o «quinto Evangelho» –, fascinando muitos. Repartiu o pão da Palavra de forma simples e clara. Neste sentido, podemos dizer que foi verdadeiramente franciscano, simples, sem rodeios, capaz de falar com todos – do estudioso mais erudito ao peregrino mais simples – com a mesma paixão e atenção. Isto emerge claramente da leitura destas páginas, que reúnem as suas intervenções publicadas no *L'Osservatore Romano*. Artigos breves, por vezes simples intuições, olhares rápidos sobre o texto bíblico a partir de ângulos novos e interessantes para muitos de nós, pinceladas sobre a vida dos personagens bíblicos e, em filigrana, também sobre nós, baseadas sempre no texto bíblico ou nas tradições judaicas. Nada de aborrecido e académico. Como os grandes e sérios estudiosos, Frédéric sabia escrever dissertações rigorosas e precisas, mas também sabia ser simples e claro para qualquer pessoa. Afinal, um

verdadeiro amante da Palavra feita Carne, como ele foi, alguém que faz da Palavra a sua razão de viver e que é diariamente alimentado por ela, sabe como a tornar fruível e acessível a todos.

Manns foi um convicto anunciador da ligação entre a fé cristã e o judaísmo. Em tempos em que não era fácil falar disso, em contextos – como o da Terra Santa – onde a ligação com o judaísmo pode suscitar algumas dificuldades, até entre os cristãos, devido às questões políticas, com simplicidade, convicção e sem complexos de qualquer espécie, continuou a falar do tema com entusiasmo, demonstrando perante todos a sua liberdade. E sem nunca provocar qualquer desaprovação. Pelo contrário, abriu os olhos e o coração a muitos, porque a sua paixão era sincera e contagiante.

O Padre Manns fez parte da vida da Igreja de Jerusalém destas últimas gerações. A identidade de Jerusalém, a Jerusalém cristã, é feita não só de lugares, mas também de pessoas, que a tornam particular, sempre viva e em movimento, apesar dos muitos e diversos *Status Quo*. O religioso teve um papel importante na identidade cristã desta cidade, que amou mais do que tudo e fez amar com os seus escritos, com as suas numerosas conferências, com as visitas guiadas aos numerosos peregrinos, com a pregação de exercícios espirituais e muito mais. Era incansavelmente guiado pela paixão por esta pequena mas significativa Igreja de Jerusalém. Estava convencido da

Prefácio

vocação especial desta última a ser encontro entre o Céu e a Terra, entre a humanidade ferida e desorientada e a humanidade iluminada pela luz do Cordeiro (cf. *Ap* 21, 22-23). Também por isso, àqueles que aqui encontravam dificuldades em conviver com as feridas desta Cidade Santa – símbolo das feridas do mundo – sabia indicar as belezas e a vitalidade da cidade. Insistia continuamente na importância de permanecer neste Lugar santo, assim ferido e dilacerado, mas também abençoado e iluminador, porque é precisamente daqui, de Jerusalém, que partiu e continua a partir, apesar de tudo, a Luz que ilumina o mundo, Cristo ressuscitado.

Aos cristãos da Terra Santa, que não raras vezes se confrontavam com dificuldades e incompreensões, recordava que não têm o direito de se fechar na sua dor, mas de serem eles a luz que ilumina e dá esperança à vida da Cidade Santa. Esta era, segundo ele, a missão desta Igreja local para quantos vivem nesta terra e também para as nações que aqui chegam de todo o mundo (cf. *Ap* 21, 24). Insistia muito com os sacerdotes locais para que conhecessem e estudassem não só os Lugares Santos, mas também as tradições antigas e o contributo que a Terra Santa trouxe ao mundo da Igreja universal: «Tendes um património incrível de escritos, de tradições, de lugares que os vossos pais conservaram e que vós agora deveis redescobrir. O pensamento cristão do Médio Oriente dos primeiros séculos é quase desconhecido, e é vossa missão

fazer com que a Igreja o redescubra. Se quereis preservar e promover o Cristianismo na Terra Santa, a primeira coisa a fazer é estudar!».

Mas, como dizíamos, nos mais de quarenta anos de permanência em Jerusalém, o religioso tornou-se uma referência importante também para muitos cristãos e não-cristãos espalhados por todo o mundo.

Vinha-se a Jerusalém sabendo que o religioso estava lá e, portanto, podia-se encontrá-lo, ouvi-lo, segui-lo. Ia-se à Terra Santa fazer exercícios espirituais porque lá estava o Padre Frédéric. Se havia necessidade de uma conferência, de uma atualização, de um olhar particular e nunca óbvio, ia-se ter com ele. E se ele não estivesse, as datas e os programas eram alterados. Porque se sentia que a sua contribuição daria à peregrinação um sabor diferente. Ir ou estar em Jerusalém não seria o mesmo sem ele.

O *Studium Biblicum Franciscanum*, onde ele ensinou por mais de quarenta anos, é parte importante na vida da diocese e, juntamente com outros, um centro de formação bíblica no qual estudaram centenas de estudantes de todo o mundo. Creio que são muitos os sacerdotes e bispos que, passando pelo instituto acadêmico *Studium Biblicum Franciscanum*, levaram e estão a levar agora para a Igreja espalhada pelo mundo o espírito de Jerusalém que o Padre Manns incutiu em cada um deles, sobretudo nos seminaristas, aos quais estava muito ligado. Neste sentido, foi um grande anunciador, um evangelizador:

Prefácio

para ele, a «nova evangelização» deve ser essencialmente uma catequese bíblica e um regresso às fontes do *mare magnum* da tradição judaico-cristã.

Amou a sua vocação franciscana, a Custódia e o seu *Studium Biblicum Franciscanum*, que serviu até ao último dia.

A Igreja da Terra Santa está agora certamente mais pobre. A Irmã Morte, que todos sabemos que devemos esperar, surpreendeu-nos com a sua morte repentina. A certeza da ressurreição em nada diminui a dor daqueles que, cá em baixo, o amaram e para quem ele foi irmão, companheiro, amigo, pai e mestre. Esta súbita partida, no entanto, recorda-nos que o lugar é feito, antes de mais, pelas pessoas. O Padre Frédéric, de facto, deixa-nos uma importante herança: também nós temos a obrigação de “fazer” este lugar, ou seja, de tornar esta Cidade lugar de encontro, inclusivo e acolhedor, onde quem quer que chegue possa encontrar conforto espiritual, encontrar um Deus que se faz próximo e que dá a paz. Não é utopia. O mundo, de facto, sabe reconhecer as verdadeiras testemunhas e move-se para escutá-las e aprender com elas. Manns mostrou-nos que também hoje é possível, mesmo quando tudo parece impossível, sem a pretensão de querer mudar o mundo, ser, no entanto, um lugar de encontro e de paz.

O Padre Manns está agora na Jerusalém celeste. Podemos dizer, de certa forma, que permanece na cidade que

sempre amou e serviu, mas de maneira diferente. Gosto de pensar, de facto, referindo-me às várias passagens do Antigo Testamento que ele amava, que as duas partes da cidade, a terrena e a celeste, se reclamam continuamente uma à outra, que se olham uma à outra. Uma à espera de saborear a plenitude da redenção, que em si já começou; a outra já na plenitude da redenção, mas ambas ligadas uma à outra.

O Padre Frédéric gostava de dizer, citando a sabedoria hebraica, que a Cidade Santa terrena contém em si nove medidas de dor e nove de beleza. Agora ele encontra-se na Jerusalém redimida, onde resplandecem a alegria e a beleza completas, onde não há mais choro e toda a lágrima de dor é enxugada pelo amor eterno de Deus. Que a sua memória seja lembrança, bênção e estímulo para as jovens gerações seguirem o seu exemplo.

Pierbattista Pizzaballa
Patriarca de Jerusalém dos Latinos

Introdução

Confesso que, de longe, teria preferido prestar homenagem ao Padre Frédéric Manns e poder apresentar este livro com ele ainda vivo. A recolha destas suas reflexões dedicadas a personagens e temas bíblicos, oferecida pelo *L'Osservatore Romano*, é uma publicação importante. O que os leitores têm nas mãos é um texto que atesta o amor do Padre Frédéric pela Palavra de Deus e também a sua capacidade de a transmitir numa linguagem atual. Ele, um apaixonado estudioso de *Midrash* bíblicos – isto é, textos que atualizam a Palavra de Deus em forma narrativa –, através das páginas do jornal diário da Santa Sé, ofereceu uma série de relatos que amplificam e atualizam personagens bíblicos (a começar por Maria Madalena) ou acontecimentos bíblicos (a bênção de Jacob) ou ainda símbolos bíblicos (a estrela) e até mesmo animais (a burra de Balaão).

A 22 de dezembro de 2021, dia em que o religioso faleceu, uma jovem colaboradora da Custódia da Terra Santa que acabara de saber a notícia escreveu-me: «Encontrei o Padre Frédéric, por acaso, no Santo Sepulcro, no sábado passado. Saía do sepulcro com um grande sorriso. Guardarei na memória aquele sorriso». Gostaria que

todos pudéssemos visualizar esta imagem do frade a sair do túmulo de Jesus com um sorriso no rosto. É a imagem pascal do morrer entendido como um entrar no mistério da morte para, na realidade, entrar na plenitude da vida em Deus.

Ninguém sabe quando chega o momento do encontro decisivo com o Senhor, através daquela passagem pascal que é o instante da nossa morte. No entanto, é a própria Palavra de Deus que nos ensina que esse encontro é um encontro de libertação e de salvação, é um encontro que dá sentido a todo o caminho de uma vida. No encontro com o Senhor Jesus está a nossa salvação, a plenitude da vida, o fim de uma busca. É a revelação de tudo aquilo que com dificuldade procurámos compreender ao longo do caminho da vida, também através do estudo orante e incessante da Escritura, como no caso do confrade Frédéric.

A trajetória existencial da sua vocação foi totalmente caracterizada pela relação com as Escrituras. Se a trama da sua vida é constituída pelos acontecimentos que se sucederam, o enredo é, por sua vez, constituído pela relação que teve com a Palavra de Deus. Passou uma vida inteira a tentar compreender os caminhos do Senhor através do estudo da Sagrada Escritura, um estudo permeado de amor e de oração: um estudo que susteve o seu caminho de homem, de cristão e de franciscano. Um estudo que o levou a compreender cada vez mais profundamente e a transmitir cada vez com maior convicção que «todos os

caminhos do Senhor são amor e fidelidade / para quem guarda a sua aliança e os seus preceitos» (*Slm* 25, 10).

Recordo ainda a meditação que nos ofereceu em Belém, durante a pandemia, quando, como frades da Custódia, o convidámos a dar-nos a conhecer a figura de São José no ano a ele dedicado. Introduziu-nos na riqueza dos primeiros dois capítulos do Evangelho segundo Mateus para nos fazer compreender, através da pessoa de São José, o que significa ser um homem justo, completamente aberto à vontade de Deus, mesmo no momento em que a capacidade humana de compreender o misterioso agir de Deus vacila.

O Padre Frédéric, através do seu estudo aprofundado das tradições judaicas, foi, de alguma forma, uma espécie de Elias ou de João Batista, chamado a reconciliar as gerações e a preparar um povo bem-disposto para o encontro com o Senhor. Através dos seus estudos, favoreceu certamente o diálogo e o encontro entre o mundo judaico e o mundo cristão, entre a cultura hebraica e a cristã. A esperança é que entre os seus estudantes, entre aqueles que foram seus alunos, mas também entre os leitores destas páginas, alguém saiba recolher o testemunho e levar por diante esta missão de diálogo e de reconciliação.

Durante o último ano, o religioso publicou regularmente, todos os sábados, no *L'Osservatore Romano*, as breves mas intensas reflexões bíblicas que agora têm nas mãos. São reflexões que – foi-me referido – o próprio

Papa Francisco leu e apreciou, precisamente por serem uma leitura «não convencional» e atualizada da Palavra de Deus. Na sua reflexão sobre Belém, publicada a 11 de dezembro de 2021, intitulada: «Belém, a casa do pão», Manns recorda-nos algo que ilumina todo o percurso da sua vida e que pode iluminar também o caminho de cada um de nós: «No homem, além da fome física e corporal, está presente outra fome, o desejo de outro pão: “Devemos ter fome de Deus: devemos mendigar, rezando à porta da sua presença, e Ele dará alimento aos famintos” (Santo Agostinho, *En. in Ps.*, 145, 16). Respondendo à tentação do diabo no deserto, Jesus, citando *Dt* 8, 3, diz: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (*Mt* 4, 4). O homem tem fome e sede de Deus; melhor: o homem é fome e sede de Deus. “O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo”, diz Jesus em Cafarnaum, depois de ter multiplicado o pão (*Jo* 6, 51). E até satisfazer essa fome e sede, o homem não tem paz. “Fizeste-nos para ti, ó Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em ti” (Santo Agostinho, *Conf.* 1,1)».

Manns nasceu na Croácia, em 1942, cresceu em França, onde, além de completar os estudos básicos, descobriu a vocação franciscana e completou os estudos teológicos; depois amadureceu em Jerusalém, onde passou a maior parte da sua vida. Seguiu as pegadas de Jesus, como bom frade menor. Ensinou as fragrantas palavras do Senhor

Introdução

a gerações inteiras de estudantes sedentos de conhecer a Palavra de Deus. Guiou milhares de peregrinos a conhecer Jesus através das páginas bíblicas e através do quinto Evangelho, esta Terra Santa que permite ver e tocar a Palavra de Deus em forma tridimensional e não apenas ouvi-la ou lê-la na bidimensionalidade da escrita.

Também através destas páginas gosto de o recordar na luz da Páscoa, com um grande sorriso no rosto, o sorriso de quem sabe que participa na vida do Cristo ressuscitado. Como ele próprio escreveu numa das reflexões publicadas postumamente: «Todos são convidados para as núpcias do Reino. O bom vinho que Jesus produz com a sua palavra anuncia o Espírito que Ele dá com a sua morte. A espera ansiosa de Israel, base das observâncias rituais de purificação, dá agora lugar à alegria dos tempos messiânicos. A porta do Céu que se fechou, abre-se no momento da glorificação de Cristo, quando a sua hora chegou. O Deus anunciado por Jesus é o Deus da festa, o Deus que age para que o banquete possa continuar» («O terceiro dia», in *L'Osservatore Romano*, 15 de janeiro de 2022).

P. Francesco Patton
Custódio da Terra Santa

ANTIGO TESTAMENTO

Adão e Eva e as suas vestes de luz

Da Bíblia, temos o texto hebraico, traduzido por São Jerónimo para latim; a versão grega, que Santo Agostinho defendia, e a versão aramaica, chamada Targum, que é lida nas Sinagogas. Por vezes, uma variante provoca a reflexão. Para a escola do catecumenato, a Bíblia, com todas as suas variantes, permanecia o livro fundamental. Aqui, limitamo-nos a dar apenas um exemplo. A nudez paradisíaca de Adão e Eva foi objeto de numerosos comentários no Judaísmo e no Cristianismo. Para Fílon de Alexandria, simbolizava a nudez do intelecto que, como a criança, ainda não participa nem no bem nem no mal. Literalmente, explica-se pelo clima prazeroso do Paraíso, no qual Adão e Eva não sofriam mal algum (*Gn* 1, 30). O judaísmo pietista, meditando sobre a nudez dos progenitores, aprofundou o tema da veste de glória. De facto, Adão e Eva, no Paraíso, estavam revestidos da veste de glória. Na *Vida de Adão e Eva*, após o pecado, Adão repreende a serpente: «Porque me tiraste a minha glória?». Na versão sinagoga da Bíblia de *Gn* 2, 25, os protoparentes são apresentados como sábios (em hebraico, *arum* significa nu e sábio) e revestidos de glória. Mas não permaneceram muito tempo

na sua glória. Em *Gn* 3, 7, o autor do Targum acrescenta: «Os seus olhos iluminaram-se e souberam que estavam nus, porque tinham sido despidos da veste de esplendor com a qual tinham sido criados». Em *Gn* 3, 21, a versão aramaica do Targum Neofiti acrescenta: «Deus fez para Adão e para a sua mulher vestes com a pele que tinha tirado da serpente para a por sobre a pele dos seus corpos, e revestiu-os». É provável que o Targum jogue com a assonância entre «vestes de pele» (*'wr*) e «vestes de luz» (*'wr*). A veste de luz significa que Adão e Eva tinham a vocação de ser transparentes um para o outro. Esta limpidez devia tornar-se fonte de alegria e de luz. Após o pecado, perderam esta veste de luz, que se transformou em pele. Adão e Eva conheceram a sensualidade, a vontade de dominar o outro e de se alegrarem um com o outro. O seu itinerário espiritual consistirá em reencontrar a luz partindo da sensualidade. Adão conhecerá uma tensão interior. Deverá partir do eros para alcançar o ágape: esta é a sua exigente vocação. Contudo, a sua luta será iluminada pela esperança messiânica. O tema da glória de Adão é conhecido em *Sir* 45, 8 e 49, 16 e a expressão «toda a glória de Adão» está presente em Qumran. O *Midrash Pesiqta de Rav Kahana*, baseando-se em *Is* 61, 10 («Como um esposo se adorna com um diadema»), afirma que as vestes de glória de Adão serão dadas ao Messias, que resplandecerá de uma extremidade à outra da terra. O Messias será o novo Adão.

Não é improvável que a cena da Transfiguração de Jesus, que sublinha o esplendor das suas vestes, apele indiretamente a esta tradição e apresente assim uma prova da sua messianidade. Moisés, que está presente na cena, foi o primeiro a ter a experiência da transfiguração: o seu rosto estava radiante, afirma o livro do *Êxodo* 34, 35. Tendo subido à montanha, permaneceu a falar com Deus quarenta dias e quarenta noites. A oração autêntica torna possível a transfiguração. Transforma a pele em luz. Ao lado de Moisés aparece Elias, o profeta que tinha fugido do Monte Carmelo para o Horeb, depois de ter matado os falsos profetas de Baal. A travessia do deserto foi para ele uma experiência extenuante. Chegando ao Horeb, entrou numa gruta. Deus não se manifestou nem na rajada nem no terramoto, mas na voz do silêncio. O silêncio é louvor a Deus, diz o *Salmo* 64. Entrar em si, escutar a voz do silêncio é uma forma de se preparar para a transfiguração da luz. Quando a oração se torna silenciosa, não há necessidade de palavras. No silêncio, a luz de Deus pode transformar e curar as feridas mais íntimas. Na parábola do convidado para as bodas, o homem que entra sem o traje nupcial é o símbolo de quem entra na comunidade dos filhos da luz, chamados a revestir-se de Cristo, o homem novo, sem aceitar o dinamismo de mudança. O batizado é chamado a ser filho da luz no quotidiano. Paulo convidará os cristãos a revestirem-se de Cristo (*Ef* 4, 24) no seu batismo, depois de terem

renunciado ao mal. Aos cristãos que comiam pão ázimo na Páscoa, Paulo recordava que deviam comer os ázimos da sinceridade e da verdade. O fermento que faz crescer a massa é símbolo do orgulho que faz com que o homem se encha de si e se considere mais importante do que é. O mistério pascal permite ao homem reencontrar a sua vocação de filho da luz, depois de ter abandonado as trevas do pecado. Na tradição joanina, a glória é um poder salvífico que se revela através dos “sinais” de Jesus, mas sobretudo na sua morte e ressurreição. No Prólogo do Evangelho, está associada à luz, que significa a revelação do Pai em Jesus. As *Odes de Salomão*, uma coletânea de textos batismais de origem judaico-cristã, exploram o paralelismo entre veste e luz. Na *Ode* 11, 11, lê-se: «O Senhor renovou-me na sua veste e me envolveu na sua luz». A *Ode* 21 desenvolve o simbolismo batismal das trevas-luz e dos paramentos: «Despi a escuridão e revesti-me da luz». Santo Efrém atribui uma grande importância ao tema das vestes de luz. No seu comentário do Génesis, repete cinco vezes que Adão e Eva estavam revestidos de glória. *Gn* 2, 25 é comentado desta forma: «Não sentiam vergonha por causa da glória que os revestia».

A transparência de Adão e Eva tem uma dimensão pessoal, mas também social e até política. Todos recordamos o lema de Gorbachev: reencontrar a *glasnost*, a «transparência». O homem é um animal político, afirmava Aristóteles. O objetivo da política é orientar os cidadãos para

uma vida bem-sucedida, formando e orientando, através da educação, as suas paixões e a sua percepção para discernir o que é bem do que é mal, as trevas da luz.

Índice

<i>Prefácio</i>	5
<i>Introdução</i>	11

ANTIGO TESTAMENTO

Adão e Eva e as suas vestes de luz	19
Lutou com o anjo e saiu vencedor	25
A bênção de Jacob	31
José no Egito	35
A terceira noite	41
Nas margens do Mar dos Juncos	45
Balaão e a jumenta que fala em nome de Deus	51
A arma da maledicência usada contra as mulheres	55
Josué, filho de Nun	61
O herói impecável	67
Na fragilidade, Deus manifesta a sua força	71
Samuel e o preço da intercessão	77
O rei sábio de Israel	83
Nabot e a sua vinha, herança dos pais	89
Hulda, a profetisa	93
Rebeliões, medos e perguntas impiedosas	97
A sabedoria	103

Contando a Bíblia

Ezequiel: quando as estruturas desabam	107
Amós, cantor da justiça social	113

NOVO TESTAMENTO

Deus é fiel à sua Palavra	121
Belém, a casa do pão	127
A estrela	133
Sinfonia angélica pelo nascimento de um menino	139
Na casa da amizade	145
Gabriel e as suas missões	151
José, o santo silencioso	155
O seu nome era um programa: Deus é bondade	161
O batismo de Jesus na água e no Espírito	167
As bodas de Caná, o terceiro dia	171
O impuro purificado	175
A samaritana e os seus seis maridos	181
O chefe da sinagoga	187
«...E, saindo, chorou amargamente»	191
O privilégio de uma mulher	195
«Sei em quem acreditei»	201
A dormição de Maria em Jerusalém	207
<i>Posfácio</i>	213
<i>Um apaixonado pela Palavra de Deus</i>	215
<i>Índice</i>	221